

## MEMÓRIAS DA GUERRILHA DO ARAGUAIA: DR. JOÃO CARLOS HAAS SOBRINHO, O DR. JUCA

### Entrevista com Sônia Maria Haas

César Alessandro Sagrillo Figueiredo<sup>1</sup>

Luiza Helena Oliveira da Silva<sup>2</sup>

Sônia Maria Haas<sup>3</sup>

Entrevistamos para esse dossiê da Revista São Luís Orione a publicitária Sônia Maria Haas, irmã do Dr. João Carlos Haas Sobrinho, médico e guerrilheiro brasileiro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Natural do Rio Grande do Sul, era conhecido na região do Araguaia como Dr. Juca, foi morador das cidades de Porto Franco/MA e Xambioá/TO quando se integrou a Guerrilha do Araguaia (1972-1975), vindo a falecer em combate no ano de 1972 e em situações ainda não esclarecidas pelo Estado brasileiro. Sônia Maria Haas se dedicou desde os anos 80 no intuito de buscar o paradeiro do seu irmão, tão logo a família teve certeza da sua morte e desaparecimento político. Os relatos possuem como objetivo examinar a memória dos familiares dos desaparecidos políticos acerca das suas lembranças, suas reivindicações políticas por verdade e justiça, assim como o esclarecimento dos fatos que resultaram no seu assassinato e a possibilidade de localização do seu corpo. Esta entrevista foi gravada via *google-meet* em setembro de 2020, em meio a Pandemia de Covid-19.

**César:** Buscando traçar um roteiro de história de vida, qual a diferença de idade entre você e o seu irmão João Carlos Haas sobrinho? Em quantos irmãos vocês eram? Em que cidade nasceram? Qual a atribuição dos seus pais?

**Sônia:** Acho muito importante essa pergunta porque a maioria das pessoas não tem noção de onde vieram esses militantes de esquerda, da época da ditadura, tanto os livros quanto os filmes, não conseguem esclarecer essa parte da história de onde provêm esses militantes. Logo que

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Políticas. Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), *campus* de Tocantinópolis. Realizou estágio pós-doutoral em semiótica (UFT). Membro do GESTO (Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins). Desenvolve pesquisas relativas à literatura de testemunho. E-mail: cesarpolitika@mail.uft.edu.br

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT), coordenadora do GESTO (Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins). Desenvolve pesquisas em semiótica aplicada relativas ao ensino de língua e literatura, no momento priorizando produção de autores do Tocantins que tematizam a ditadura. E-mail: luiza.to@uft.edu.br

<sup>3</sup> Publicitária.

surgiram filmes, um dos primeiros livros e filmes foi do Gabeira, eu fiquei muito chateado porque só mostra os jovens como inconsequentes e irresponsáveis, que só queriam fazer ação armada e sem explicação. Acho importante, portanto, mostrar de onde eles vieram. Em 1991, fizemos uma primeira viagem com peritos e fomos com jornalistas, achávamos que seria mais fácil encontrar indícios dos militantes com auxílio de moradores, com depoimentos para anistia internacional. Neste interim, quando estávamos no aeroporto veio um jornalista me entrevistar e ele perguntou se meu pai era marxista, aquilo me chocou e eu disse não. Ou seja, naquele momento refleti como pode um jornalista fazer esse tipo de pergunta, um cara que tem experiência sobre o tema, então senti necessidade de explicar sobre a história de vida desses personagens, jovens e militantes.

Minha família é de origem alemã, do Rio Grande do Sul, nascidos na cidade de São Leopoldo, berço da colonização alemã. Minha mãe, por exemplo, foi educada em alemão. Nesse cenário meus pais se casaram e tiveram sete filhos. De origem católica familiar. Meu pai era sapateiro e posteriormente teve uma indústria de calçados. Portanto, foi uma família que cresce dentro dos princípios religiosos e dentro dos preceitos da comunidade alemã no Rio Grande do Sul.

Como sou a caçula, fiquei na incumbência de cuidar dos meus pais e nesse pacote me senti imbuída de cuidar das atribuições referentes ao João Carlos junto a família, mesmo sendo pouco falado o sentido da perda familiar, em virtude que a dor de uma perda é muito forte e trazia muito tristeza. Me recordo que o meu pai tentava me proteger sobre as minhas leituras na universidade, justamente sobre todo o contexto. Voltando a João Carlos, meu irmão se cria nesse cenário familiar, sempre como líder estudantil e como melhor aluno do colégio.

**César:** Como foi a formação acadêmica do teu irmão? Formou-se quando?

**Sônia:** Meu irmão opta em fazer medicina, se dedicou e entrou na faculdade medicina na UFRGS. Então, o João entra na Universidade e fica em contato com outras lideranças do Rio Grande do Sul e adquire uma ampla formação cultural e política, tornando-se líder e vindo a ser presidente do Centro Acadêmico da medicina. Também, veio a ser vice-Presidente da União Gaúcha de Estudante, que hoje leva o seu nome, UGE Dr. Juca.

**César:** Em que momento você começou a perceber que a vida do teu irmão diferia do resto da família no tocante ao posicionamento político? Como se deu e em que condições do Brasil ocorreu a investida do teu irmão na política?

**Sônia:** Acho que o grande choque de realidade foi quando ele foi preso um pouco antes de se formar, logo depois do Golpe civil-militar de 1964, por questões políticas. Eu imagino o que deve ter passado o meu pai e minha mãe ter um filho preso, porque meus pais não tinham nenhum envolvimento com política ou conhecimento, diferente de outras famílias do Rio e São Paulo. Para exemplificar, São Leopoldo era uma cidade do interior e afastada de Porto Alegre, nós não tínhamos contato com esse mundo. Pra vocês ter uma ideia eu fiz um vídeo sobre o afastamento do João com a família, chamado “Domingo na Esquina”, sobre a falta dele na minha infância e na minha vida quando ele partiu. Então, para vocês imaginar como deve ter sido o choque da prisão política do meu irmão. A fim de tentar explicar a trajetória do meu irmão, fui entrevistar personagens políticos de Porto Alegre, para tentar compreender a trajetória do meu irmão.

Meu irmão se forma em 1964. Houve todo um movimento para garantir que ele se formasse, pois ele estivera preso por atividades políticas, mas o Reitor, junto com os professores, fez um abaixo assinado para ele não ser expulso, pois era um dos melhores alunos. No ano de 1965 o meu irmão trabalhou como residente no Hospital Ernesto Dornelles, em Porto Alegre/RS, logo depois vai embora, creio que nesse ano de 1965 ele já estava em formação política. Vai embora em 1966, justificou para os meus pais que iria fazer especialização, mas não deu maiores detalhes e tampouco o endereço.

Quanto a esse momento político, recordo que minha mãe um dia conversou com ele e pediu para que ele parasse com a política. Com muita dificuldade ela me contou que, quando ele saiu da prisão, ele conversou com a mãe e chorou muito, disse que não podia parar, pois se ela aceitava e confiava em Jesus Cristo, devia aceitar ele, pois tinha o interesse também de fazer o bem.

**César:** Como foi para a sua família a saída do teu irmão para a clandestinidade? E o que ele explicou a vocês? Qual ano?

**Sônia:** Conforme relato, nós não sabíamos o que estava acontecendo, tínhamos muito medo e o João Carlos tinha uma postura de preservar a gente, ele mandou cartas somente até 1969, sendo muito difícil para nós e para ele. Nós ficamos, assim, sem notícia desde 1969. Nas buscas, mais tarde, eu conheci a Vitória Grabois e a família Grabois<sup>4</sup>, eles me contaram essa fase da

---

<sup>4</sup> A família Grabois tinha como pai Maurício Grabois, dirigente comunista histórico do PCB/PCdoB, eleito deputado federal em 1947. Com a instauração da ditadura civil-militar (1964-1985), ocorre o aprofundamento da

vida, assim como depois em Porto Franco/MA. Me recordo que pedia para a minha tia escrever cartas para o João, quando eu era pequena, pedindo para ele voltar. Na minha cabeça de criança, achava que quando o meu pai comprou a televisão ele iria voltar, pois já que ele gostava tanto da eletrola gostaria da televisão e voltaria pra casa: sentimento, tristeza e vazio de criança, mas a família não tinha nada a fazer além de acalentar os meus sonhos de criança.

**César:** Vocês tinham alguma noção do que ele estava no Norte do país? E o que ele estava fazendo? Quando, de fato, vocês ficaram sabendo dos acontecimentos da Guerrilha do Araguaia? Chegaram a imaginar que o teu irmão estava envolvido? Em que momento tiveram a certeza da participação do João Carlos?

**Sônia:** A gente passou muito anos, desde 1969 até 1979 sem ter notícias, quando começaram a surgir matérias no Rio Grande do Sul. Me companheiro Odilon, que é de Goiás, me disse que na região dele já sabiam que tinha esse bochicho, mas a gente no Rio Grande do Sul ainda não tinha noção até 1979. O que existia muito na cidade, no interior onde morávamos, eram pessoas querendo extorquir o meu pai e minha mãe dizendo que tinham encontrado o João, mas nada rendia e nada tinha informação. Para explicitar a vocês, em 1972 quando o João foi morto, um General vizinho nosso tentou mandar alguém lá em casa para falar, mas não conseguiu efetivar o comunicado. Ainda, no domingo ao ir à missa em 1972, vizinhos perguntaram se minha mãe viera à Igreja para rezar pela alma do seu filho.

Mas, mesmo assim era só boatos. Até que em 1979 saiu o livro *Guerra de Guerrilhas no Brasil*, de Fernando Portela<sup>5</sup>. Fui a Porto Alegre comprar, a gente lia e lia esse livro. Minha prima, muito próxima ao João, foi à Bahia num encontro com outros militantes do PCdoB, em 1980 ou 1981, tendo a confirmação efetiva com dirigentes do PCdoB, afirmando que meu irmão morreu, mediante as fotografias apresentadas pela minha prima. Mas foi muito triste, pois foi neste momento mesmo que a gente teve que começar a engolir essa versão da história, acho que até hoje é muito complicado, acho que até hoje tem familiares que não aceitam, pois não tem um ponto final, não tem o resgate dos corpos, é muito triste e muito cruel, pois não deram o direito de fazer uma despedida digna e dar um ponto final na história deles. Então,

---

repressão, por conseguinte, impeli a família Grabois à clandestinidade. Maurício, juntamente com seu filho André, parte para a região do Araguaia vindo a ser morto em combate em 1973 com seu filho, sendo até hoje desaparecidos políticos.

<sup>5</sup> PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil*. São Paulo: Global, 1979. Primeiro livro reportagem que sai sobre a Guerrilha do Araguaia, evidenciando sua história, eventos, fatos políticos, personagens e desaparecidos políticos.

tivemos que entrar num mundo que desconhecíamos e remar com muita força para confirmar essa perda, esse vazio que você vai carregar e que nos traz muitos conflitos internos.

**César:** Como foi a sua trajetória na busca pelo teu irmão? Quando foi a sua primeira ida ao palco da Guerrilha para coletar informações acerca do teu irmão e dos companheiros dele? Como foi, num primeiro momento, a recepção local (Xambioá e outras localidades) e qual foi a sua reflexão sobre o advento político?

**Sônia:** Estávamos no Sul do Brasil, não estávamos no centro do país, tampouco tínhamos contato com pessoas de esquerda, a gente ainda carregava esse peso, pois a gente ficou muito marcado por esse vazio. A gente não podia falar, a gente não podia pensar. Me recordo que as vezes a gente parava e refletia entre a família, mas de forma muito doída e de forma muito sofrida para poder tomar uma decisão. Até que, finalmente, o meu pai me deu uma procuração, mas meu pai tinha muito medo de represálias, pra você ter ideia a primeira ação de esclarecimento contra os militares no início dos anos 80 o meu pai não entrou por temor.

Como esse sentimento estava dentro de mim (da busca), me formei e através de um grupo de pessoas, assim como de professores muito próximos e progressistas, me fortaleci e pedi a procuração ao meu pai. Meu pai refletiu e disse que iria pensar, me dando posteriormente a procuração. Então, comecei a procurar os grupos de familiares, os quais já tinham ido numa Caravana ao Araguaia, juntamente com o Paulo Fonteles<sup>6</sup> em 1980. Então, nós, em meados dos anos 80, tentamos fazer o mesmo caminho da Caravana. Fomos pela transamazônica, de Marabá até Xambioá, com uma câmara filmando tudo. Mas, as pessoas ficavam temerosas de dar depoimentos. A gente também estava com medo.

Para auxiliar vi uma capa da revista Veja sobre o Araguaia e resolvi ligar para a redação. O Jornalista da matéria, Laurentino Gomes, foi maravilhoso e me auxiliou com contatos, pois a matéria era de turismo, mas ele também olhou pelo lado político. Mediante as indicações de nomes, fui procurando os pontos da Caravana.

Na minha ida, quando cheguei em Imperatriz/MA, eu tive uma emoção muito grande, pois tive a impressão de ter visto o João Carlos Haas Sobrinho, meu olhar foi e voltou, acabei desmaiando, de tamanha emoção.

---

<sup>6</sup> Foi um advogado, político e sindicalista brasileiro, conhecido por seu ativismo junto aos camponeses no estado do Pará.

**César:** Quais os sentimentos que você tem acerca do afeto real de Porto Franco/MA e Xambioá/TO para com a memória do teu irmão?

**Sônia:** Tenho muito orgulho da história de João Carlos, tenho muito orgulho de ser sua irmã, pois acho que ele é um exemplo de ser humano, aquele que conheci dentro de casa é o mesmo que me relataram em Porto Franco/MA. Levava as fotos dele para Porto Franco e ficavam apresentando para os moradores para confrontar a foto dele e confirmar a sua presença. Foi muito importante eu ter ido na região e ter visto como ele era tão bem querido. Confesso que tinha um sentimento de criança guardado dentro de mim, de sentimento de perda por ele ter ido embora e ficava braba, como um sentimento egoísta quando a gente não entende, mas depois do episódio de Imperatriz e da chegada de Porto Franco, tive uma nova reflexão, meu coração perdoou o João.

Tive compreensão que João Carlos foi para essa região para contribuir e ensinar a população uma nova consciência, por exemplo, ensinava português, inglês. Todos militantes do PCdoB faziam essa formação nesse cenário. Portanto, compreendendo a proposta e conhecendo a região, eu perdoei o João, me aproximei mais dele e resolvi não trazer mais esse sentimento dentro de mim tão doloroso de vingança, de ódio e de raiva sobre esse assunto.

Quando fui a Porto Franco foi muito melhor, pois em Porto Franco ele era o médico da cidade. Vi a casa dele, conheci muitas coisas dele, foi um reencontro com o meu irmão. Em Porto Franco eu estava na praça da cidade e chamaram moradores para me apresentar, a população chorava e se emocionavam ao falar comigo, 50 anos depois. Assim, foram muitos encontros, para vocês ter uma ideia um cara (meu irmão) que viveu 31 anos e que já se passaram 48 anos de seu desaparecimento, mas que continua vivo em quem pesquisa, está vivo dentro de mim, está vivo nos jovens, no partido, etc. Eu tenho orgulho e essa aproximação com vocês, com o lugar, me conforta acerca da ausência do João.

Assim como os moradores, também, os antigos militantes falam sobre a convivência do João, sempre trazendo as lembranças gostosas. Em Porto Franco, os moradores contavam a respeito da vida dele, as suas recordações familiares do Rio Grande do Sul, funcionando como uma montagem de um quebra-cabeça, que é infinita, pois a gente nunca vai terminar, mas cada um que conta um pedaço a gente vai montando.

**César:** Você acredita, que o legado do teu irmão está sendo bem trabalhado na região do Araguaia?

**Sônia:** O legado desse pessoal todo está ligado a política, eu fui a Porto Franco inaugurar um memorial de Ponto de Cultura, Complexo Desportivo, mas está ligado a política. Depois, politicamente muda a gestão e fica abandonado. Tentei falar com o Governador Flávio Dino<sup>7</sup> a fim de auxiliar. Mas, o que ocorre é o fato dessas páginas não terem sido escrito de maneira oficial como um registro da história, ocasiona que a evolução do país se perde, logo, acaba se perdendo e dependendo da boa vontade da política

Também, na minha cidade em São Leopoldo, na gestão do PT, construíram um busto lindíssimo do João Carlos, mas quando mudou a gestão queriam destruir o busto. Então, a gente vive isso e sabe desse histórico, sendo que no Brasil é mais grave, pois continua a questão da impunidade. Por exemplo, olha o caso das Madres da Plaza de Mayo na Argentina, fizeram um trabalho fantástico, aqui no Brasil apenas há excelentes pesquisadores e escritores que escrevem, ou seja, ainda é um assunto que não existe enquanto registro histórico oficial por parte do Estado.

Realço que a Corte Interamericana previa a construção de um memorial com uma arquitetura visível e tangível, mas o Brasil não fez, realço que outros países fizeram como Chile, Argentina, porém no Brasil nada foi feito. Em síntese, num momento político mais progressista que tivemos poderia ter sido feito, mas infelizmente estamos muito atrasados e a nossa tendência não é muito boa neste atual momento político. O que podemos fazer é iniciativa como *lives*, vídeos e outras formas de chamadas brigando por respostas, verdade e justiça.

**César:** Em sua opinião a Comissão Nacional da Verdade<sup>8</sup> do período Dilma trouxe algum incremento para elucidação de fatos? Como você avalia a Justiça de Transição Brasileira e a Anistia? Nesse sentido, houve alguns avanços para o caso a Guerrilha do Araguaia?

**Sônia:** Especificamente do Araguaia não tenho maiores esclarecimentos sobre a Comissão Nacional da Verdade, mas sobre a Comissão da Anistia houve um trabalho, na gestão de Paulo Abraão na época, com pedidos de desculpa, reitero que no caso de Araguaia não sei responder. Caso a Crimeia Almeida Schmidt, presente na *live*, quiser ampliar e falar.

---

<sup>7</sup> Governador do Maranhão de 2014 a 2022, ligado ao PCdoB.

<sup>8</sup> A Comissão Nacional da Verdade (CNV) entendida como uma política pública de memória, elaborada pelo Estado brasileiro no âmbito da Justiça de Transição” através da Lei n. 12.528, de 13 de novembro de 2011, sendo um desdobramento de um debate que se iniciou em 2008, durante a XI Conferência Nacional de Direitos Humanos. Torna-se pertinente enfatizar que a Comissão Nacional da Verdade já nasceu sob a insígnia que não iria discutir e tampouco criminalizar os crimes da ditadura, pois já nascia pactuada e que não iria mexer com os protocolos da Anistia (1979), principalmente os seus crimes conexos.

**Crimeia**<sup>9</sup>: A comissão da Verdade tem um capítulo sobre o Araguaia, embora não tenha avançado sobre a questão a respeito do esclarecimento dos desaparecidos do Araguaia, pois as forças armadas se recusam a abrir o seu arquivo.

**Crimeia**: Quanto a experiência junto ao Dr. João, eu fui pra lá em janeiro de 1969, vimos que a coisa era séria quanto a questão da saúde, fizemos, assim, o primeiro encontro da área da saúde entre nós militantes. Eu fazia enfermagem antes de chegar lá no Araguaia, mas na região recebemos o apelido pelos moradores de bula, pois sabíamos ler bula de remédio. Uma das situações de saúde que aprendi com o Dr. Juca era se existia malária congênita, pois tinha realizado um parto de uma camponesa e tinha detectado malária num recém-nascido, ele me respondeu para tratar como malária, pois ainda não tinha na literatura médica relatos sobre malária congênita. Ou seja, aprendi muito com o Dr. João Carlos, muito mais que aprendi na universidade. Outra coisa que aprendi com ele é que toda a pessoa que diz ter uma doença está realmente doente, então trate, assim aprendi com ele e levei para a minha vida profissional, ele era muito sensível. Ele marcou muito a minha vida, tanto é que meu filho se chama João Carlos, marcou ainda mais o meu marido que era muito amigo dele.

**Suzana Lisboa**<sup>10</sup>: Eu queria cumprimentar vocês pelo trabalho realizado e endossar que a sentença não foi cumprida sobre o Araguaia. Quanto a sentença interna de 1982, ela só foi sair em 2003 e até 2007 ela ficou transitando em julgado sem ser cumprida. Foi a audiência mais triste que eu assisti pelo fato do Brasil ser representado pelo Ministério da Defesa, ou seja, era o Brasil contra nós, não cumprindo a sentença. A Comissão da Verdade passou ao largo e não cumpriu, assim como os arquivos não foram abertos.

**Sônia**: Finalizando, gostaria de deixar um relato de uma moradora da cidade de Xambioá/TO, professora da cidade, que me explicou uma palavra que aprendeu com o João Carlos Haas Sobrinho, na época: Imprescindível. Essa palavra foi muito forte, pois materializou a presença deles, como imprescindível na memória de todos.

---

<sup>9</sup> Enfermeira, militante política e guerrilheira brasileira, membro do PCdoB, que esteve na região do rio Araguaia quando das guerrilhas contra a ditadura militar.

<sup>10</sup> Militante política contra a ditadura civil-militar, teve o seu marido assassinado e desaparecido político em 1972. Empreendeu busca desde o início do desaparecimento, vindo a localizar o seu corpo, em 1979, no cemitério de Perus/SP, ainda durante a ditadura, sendo o primeiro desaparecido político localizado por familiares.